

*O passado verdejante:
a defesa das árvores
nos artigos jornalísticos de
Gilberto Freyre
(1921-1926)¹*

Diego José Fernandes Freire²

RESUMO

Neste texto discutimos a defesa das árvores presente nos primeiros artigos jornalísticos de Gilberto Freyre, publicados no *Diário de Pernambuco*. Objetivamos lançar uma nova perspectiva acerca dessa apologia, destacando a dimensão saudosa dessa militância freyreana pelo arvoredo recifense. Situando-nos no campo da história ambiental, procuramos identificar os diversos sentidos e significados mobilizados por Gilberto Freyre, a partir de sua escrita jornalística, para fazer sua defesa das árvores na cidade do Recife.

Palavras Chaves: Gilberto Freyre; Árvores; Saudade; Passado.

ABSTRACT

In this text I discuss the defense of trees in Gilberto Freyre's first journalistic articles, published in *Diário de Pernambuco*. I intend to show a new perspective about this apology, highlighting the late dimension of this Freyre's militancy in the defense of Recife's trees. In the domain of environmental history I intend to identify the several senses and meanings used by Gilberto Freyre to do his defense of trees in the city of Recife.

Keywords: Gilberto Freyre; Trees; Nostalgia; Past.

¹ Artigo recebido em 07 de setembro de 2014 e aprovado em 19 de outubro de 2014.

² Licenciado e mestre em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é professor do curso de história da Universidade Potiguar.

INTRODUÇÃO

Durante os anos 1920, a cidade do Recife viveu um período de grande agitação intelectual. Dois movimentos artísticos, em especial, tratavam de animar o meio cultural recifense, bastante efervescente na época. De um lado, o modernismo, liderado por Joaquim Inojosa (o representante local desta tendência literária), a publicar suas ideias no *Jornal do Comércio* e, do outro lado, o regionalismo, encarnado na figura do jovem recém retornado ao Brasil, Gilberto Freyre³, a divulgar sua obra no *Diário de Pernambuco*. Esses dois movimentos foram responsáveis por um considerável debate na América brasileira dos anos 1920 (AZEVEDO, 1984, p. 18). Ambos os movimentos procuravam um caminho para renovar a cultura brasileira e, a partir daí, definir uma brasilidade, isto é, uma identidade nacional, que dissesse o que é o Brasil e o seu povo. Para além da autoimagem de oposição dos movimentos em litígios, eles acabavam por gravitar em torno dos mesmos temas, já que encontrar ou definir um ser brasileiro era preocupação tanto do modernismo quanto do regionalismo (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 62-64).

Modernistas e regionalistas, cada um à sua maneira, externavam uma preocupação muito comum e recorrente entre os vários letrados brasileiros. Como apontou Monica Pimenta Velloso, o interesse pela brasilidade, pelo ser do Brasil, inquietou nossos homens de letras desde pelo menos 1870, com a famosa geração de Silvio Romero e Tobias Barreto⁴: reconhecer a nossa identidade multifacetada foi, portanto, uma problemática comum às distintas gerações intelectuais. A busca da brasilidade esboça uma longa trajetória, mobilizando os intelectuais da geração de 1870 aos da década de 1920 (VELLOSO, 2010, p. 381). Modernistas e regionalistas, como homens do seu tempo, foram igualmente afetados pela preocupação com a brasilidade. Ambos mobilizaram esforços para entender o que seria o verdadeiro rosto da sociedade brasileira, de modo que neste desenho podemos perceber alguns toques e retoques particulares.

Os regionalistas procuravam definir esse ser brasileiro com base na noção de região. Esta era o fator que forneceria a identidade nacional, sob ele era que se deveria

³ De 1918 a 1923, Gilberto Freyre esteve fora do Brasil, realizando seus estudos nos E.U.A e Europa. Mais informações: LARRETA, Enrique Rodriguez; GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 65-211.

⁴ Sobre essa geração, em específico, ver: VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmica literária no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

erguer o edifício nacional. Quando os regionalistas falavam em região a construir a identidade brasileira, pensavam especificamente em uma região, a saber, a Nordeste, espacialidade, aliás, forjada nesse momento (ALBUQUERQUE JR, 2009). Nesse sentido, a defesa da brasilidade passava pela valorização deste recorte regional, encarado como o espaço mais brasileiro, mais autêntico do país. Surgiu assim, grosso modo, todo um programa de valorização da região nordestina, sobretudo das áreas vinculadas à produção do açúcar. Em torno de várias propostas (culturais, políticas, sociais etc.), emergiu o movimento regionalista (mais tarde, nos anos 1950, rebatizado por Gilberto Freyre como Regionalista-Tradicionalista), o qual se institucionalizou com a criação do Centro Regionalista do Nordeste, em 1924, tendo por presidente Odilon Nestor, o qual era auxiliado por Moraes Coutinho e Gilberto Freyre (AZEVEDO, 1984, p. 142).

Paralelo ao embate artístico-intelectual entre regionalismo e modernismo, a capital pernambucana das primeiras décadas do século passado também experimentou uma intensa agitação política. O clima político esquentou demasiadamente quando do vazio governamental deixado pelo político José Bezerra, que governou apenas entre 1919-1920, em razão de sua morte. A partir daí foi dada a corrida para a disputa pela sucessão governamental. O embate envolveu, basicamente, dois grupos políticos: *õborbistasõ*, liderados pelo senador e ex-governador do estado Manuel Borba, que lançou a candidatura de José Henrique Carneiro da Cunha, que era apoiado, por sua vez, por Joaquim Pimenta, e *õpessoistasõ*, comandados pela família dos Pessoa de Queiroz e com apoio de amplos setores do governo estadual e federal. Estes lançaram a candidatura de Lima Castro, na época já prefeito de Recife.

O fato de os *õpessoistasõ* terem o apoio do então presidente do Brasil, Epiácio Pessoa, fez com que a disputa ganhasse contornos de o local contra o nacional. Os seguidores de Manoel Borba colocavam-se como autonomistas, contras as ditas intenções intervencionistas do governo pernambucano, apoiado em nível federal. O problema da centralização X descentralização do poder voltava a aparecer aqui. Os comandados pela família Pessoa de Queiroz representariam as intenções centralizadoras do governo, as forças centrífugas do Estado Brasileiro, ao passo que os *õborbistasõ* encarnariam os anseios descentralizadores, adeptos do estadualismo nacional. Assim, de uma sucessão governamental a nível estadual, passou-se a uma discussão sobre a estrutura do Estado Brasileiro e suas supostas intenções.

Nesse cenário local de grande disputa política, os regionalistas pareciam pender para o lado de Manuel Borba, como era o caso, por exemplo, de José Lins do Rego e Osório Borba (diretores do jornal recifense *Dom Casmurro*). Porém, houveram outros regionalistas que não adotaram uma postura clara, como foi o caso de Gilberto Freyre e Aníbal Fernandes (diretor do *Diário de Pernambuco*). O fato é que tal situação, marcada por uma grande efervescência artística e política, na qual podia-se vislumbrar duas tendências opostas, levava os letrados da cidade recifense a se engajarem em algumas disputas, a se envolverem em não poucas querelas sociais e políticas. Escrevendo em grandes e pequenos jornais, participando de agremiações e de comícios, os intelectuais pernambucanos realizaram seus combates, armaram-se com ideias para intervir no universo citadino. E aqui emergiu a luta por um elemento na época aparentemente inusitado: as árvores.

A defesa das árvores foi uma bandeira central no movimento regionalista, encabeçado por Gilberto Freyre e outros intelectuais nordestinos. À essa questão foram dedicados artigos, conferências e eventos culturais⁵. Tratava-se de uma luta coletiva, no sentido de que não era produto de ações individuais, mas sim de intelectuais reunidos e organizados em torno de um Centro⁶. Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Aníbal Fernandes, Moraes Coutinho, Julio Bello, Mario Sette e outros regionalistas ergueram suas vozes em prol da arborização do Recife. Na década de 20 do século passado, a importância da árvore foi declarada, na tentativa de frear um pouco o acelerado processo de modernização que Recife vinha passando. As árvores recifenses ganharam não só defensores apaixonados e atuantes, como tiveram um órgão (o centro regionalista) para lutar por sua preservação.

O fato de a luta pela arborização do Recife emergir justamente na década de 20 é bastante significativo das mudanças que estavam ocorrendo na América brasileira. Foi nessa época que se intensificou o processo de modernização, que modernizar a cidade passou a ser um imperativo social. Vários prefeitos adotaram como itens de sua agenda política civilizar a cidade de Recife (AZEVEDO, 1984, p. 20). Como bem mostra Antonio Paulo Rezende, foi justamente nas décadas iniciais do século XX que os

⁵ A primeira grande ação do Centro Regionalista, criado em 1924, foi justamente a criação de um evento chamado a semana da árvore, realizado também naquele ano. Conferir: AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa, secretaria de educação e cultura da Paraíba, 1984, p.146.

⁶ Para ver o programa do centro, ver; AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa, secretaria de educação e cultura da Paraíba, 1984, p.143-144.

preceitos de higienização e urbanismo moderno invadiram intensamente a cidade de Recife, realizando várias mudanças, as quais vão forjando não só uma nova cidade, mas também uma nova mentalidade cidadina (REZENDE, 1997, p. 44-57; TEIXEIRA, 1995, p. 89-90). Diante desse quadro de mudanças, o combate pela conservação das árvores apareceu como algo urgente para os regionalistas, defensores da tradição patriarcal.

Os regionalistas explicaram essa defesa enérgica das árvores presente no movimento utilizando-se da noção de *clima tropical*⁷: o plantio e a manutenção de árvores garantiriam um clima mais ameno, suave. Isso vale especialmente para Gilberto Freyre. O jovem redator do *Diário de Pernambuco*, recém chegado ao Recife, advogava a preservação das árvores a fim de manter a tropicalidade da região Nordeste. Elas representariam a natureza tropical da região, garantiriam um clima e um ambiente original, peculiar, típico de uma cidade dita nordestina. As árvores seriam um dos símbolos da região tropical. Assim, destruir as árvores seria atacar a tropicalidade do Nordeste, um dos principais traços definidores dessa região. Muitos estudos que se debruçaram sobre a questão das árvores no ideário regionalista enveredaram por essa chave interpretativa, repetindo a explicação dos próprios atores históricos envolvidos⁸. Como historiadores, devemos sempre, na medida do possível, desconfiar das autoexplicações, propor novas questões, lançar novos ângulos de análise, sempre contribuindo para a (re)escrita da história.

O presente trabalho vem tentar abordar a questão da defesa das árvores no movimento regionalista a partir de uma outra perspectiva. Longe de querer negar ou invalidar a explicação resumida anteriormente, pretendemos apenas esboçar uma chave interpretativa diferente. Tentar-se-á partir de um outro elemento para explanar a defesa, tão presente na *pregação* regionalista, das árvores. Trata-se do saudosismo. Analisando alguns escritos jornalísticos de Gilberto Freyre, sem dúvida o grande mentor e divulgador do movimento regionalista no Recife, procuraremos relacionar essa defesa da conservação das árvores, esse desejo de manter o Recife esverdeado, com a saudade que o autor de *Casa-Grande & Senzala* sentia pelo passado patriarcal.

Não haverá na ardente defesa das árvores a tentativa de congelar uma paisagem do passado? A luta pela *arborização* do Recife não será também a luta pelo Recife

⁷ Pode-se encontrar essa ideia nos vários artigos de Gilberto Freyre que serão neste texto citados e nos artigos regionalista presentes na antologia reunida por Neroaldo Pontes de Azevedo em: AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: Os anos 1920 em Pernambuco*. João Pessoa/Recife: Editoras da UFPB/UFPE, 1996, p. 189-257.

⁸ Ver: LARRETA, Enrique Rodriguez; GIUCCI, Guillermo. Op., Cit., 2007, p. 278. AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. Op., Cit., p.133.

tradicional, onde o verde era o que logo despertava a visão? Em suma, a preservação das mangueiras, cajueiros, jaqueiras, gameleiras etc. que tanto embalava os primeiros artigos de Gilberto Freyre não seriam a expressão de uma consciência e sensibilidade saudosa, que tenta a todo custo frear ou suavizar a marcha inexorável do tempo?

Essas são as questões norteadoras do trabalho, as quais são tomadas não como questionamentos a serem respondidos de forma absoluta e esgotada, mas como ponto de partida para a reflexão e discussão. Nosso objetivo é mostrar que a defesa das árvores no pensamento de Gilberto Freyre passa também pela visão saudosista que o mesmo professava, entendendo o saudosismo não como algo inerte, que levaria a paralisação do sujeito, a um fechamento doentio no passado, mas sim como um sentimento que impulsiona ações no presente. Acreditamos que a apologia das árvores recifenses nos escritos de Gilberto Freyre foi também produto de um saudosismo atuante e político, fruto da tentativa de congelar uma imagem do passado que estava ruindo. Pensamos que a luta pelas árvores encarnava também o desejo por manter um Recife õesverdeadoö, no qual a paisagem do verde da cana era o que logo aguçava os sentidos.

O verde não era só a marca das árvores, a sua cor mais visível, mas era também a tônica de um universo do qual regionalistas como Gilberto Freyre jamais queriam se desapegar ou ver destruído. Vale lembrar aqui, como elemento teórico norteador de nosso texto, a proposição de Simon Chama de que õnenhuma árvore é só uma árvoreö⁹. Em qualquer sociedade, um elemento natural pode ser revestido de significados e valores, os quais passam a lhe constituir e enformar a visão dos homens. Natureza e cultura, ao invés de separados, andam juntos, isto é, os homens imprimem no universo natural uma série de elementos significativos. Daí porque uma história das paisagens é possível. Situando-nos no campo da história ambiental ¹⁰, procuramos articular história e natureza, pensando a maneira como esta é significado e sentida pelos indivíduos. Assim, ao olhar-se para uma árvore pode-se ver e sentir muito mais do que uma simples

⁹ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 37.

¹⁰ Seguimos a perspectiva de José Augusto Pádua, segundo a qual õa história ambiental é a investigação aberta e não reducionista das interações entre os sistemas sociais e sistemas naturais ao longo do tempoö. O foco recaí, na nossa ótica, na relação interativa entre homem e natureza, relação essa extremamente histórica. Para uma discussão teórica sobre a história ambiental, ver: PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 68, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-0142010000100009&lng=en&nrm=iso. access on 11 Aug. 2014. Para uma discussão introdutória, ver: DUARTE, Regina. Horta. *História & Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Para um discussão mais prática, além do livro de Simon Schama referenciado acima, ver: THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

árvore. Desenvolver essa hipótese, a partir de alguns escritos de Gilberto Freyre, é o que se fará nas linhas que se seguirão.

O COMBATE PELAS ÁRVORES E PELO PASSADO PATRIARCAL

Antes de ser uma reivindicação do Centro Regionalista, a defesa das árvores já aparecia em alguns artigos de seu principal idealizador nos anos 1920, Gilberto Freyre. Já em 1921, quando ainda estava nos Estados Unidos, em artigo de 04 de setembro publicado no *Diário de Pernambuco*, o futuro sociólogo de Apipucos demonstrou sua simpatia pelas árvores (FREYRE, 1979, p. 136-37). Neste escrito, seu autor elogiou o urbanismo em Washington e lamentou a destruição de algumas árvores em Recife. Agradava-o a maneira cientificamente conduzida com que aquela cidade ia se desenvolvendo, sempre procurando, na medida do possível, o respeito a história, a tradição. Desenvolvimento este que, ao contrário do que vinha acontecendo em Recife, não implicava na eliminação das árvores. O que poetiza Washington e amolece sua rigidez de cidade oficial, e fá-la até parecer mais velha do que é, são as árvores. Que árvores, as de Washington! (FREYRE, 1979, p.136). Assim, através de um recurso natural desprezioso, a cidade de Washington ia conciliando modernidade e tradição, caindo, assim, no apreço de jovem escritor pernambucano.

Durante a década de 1920, a defesa das árvores vai aparecer em vários textos jornalísticos de Gilberto Freyre, ora como uma simples e rápida referência e ora como tema central. Em menos de um mês, o jovem colunista do *Diário de Pernambuco* dedicou dois artigos a dissertar sobre a importância das árvores e a criticar sua destruição¹¹. Nesses artigos, ele se mostrou não só como um grande defensor das árvores, mas como alguém que as amava, que nutria por elas uma simpatia toda especial. Assim se iniciava o artigo publicado no *Diário de Pernambuco* em 11 de maio de 1924: sou um grande amigo das árvores. Aquela afinidade de irmão que o santo de Porciúncula sentia com todas as coisas da natureza [...] experimento-a diante das árvores (FREYRE, 1979, p. 26). Nesta passagem, seu artífice mostrou-se como alguém que partilhava uma ligação com as árvores, de maneira semelhante à ligação sanguínea existente entre dois irmãos. Gilberto Freyre, através de sua escrita jornalística carregada

¹¹ Um artigo em 30/12/1923, outro em 27/01/1924. Isso acontece novamente em 20/04/1924 e 11/05/1924.

de metáforas, procurava se aproximar das árvores, criando para seu público a imagem de um jornalista amigo e respeitador da natureza.

Ainda nesse mesmo artigo, observamos as seguintes palavras: «De todas as árvores a que mais amo e reverencio é a palmeira. Diante de uma aléia de palmeiras dá vontade de tirar o chapéu e seguir de ponta-de-pé como por uma catedral ou por um templo» (FREYRE, Op.Cit). As árvores seriam criaturas vivas, seres que mereceriam respeito e reverência. Tal qual os deuses, devemos prestar honras para as árvores, tratá-las com veneração, respeito e amor. Assim, percebemos que, nos agitados anos 1920, as árvores deveriam gozar de uma certa centralidade e prestígio no pensamento dos recifenses. Gilberto Freyre se colocava não só como um advogado das árvores, mas como um indivíduo que tinha toda uma deferência e sentimento por elas. Ao ler os artigos onde se faz presente a luta pela preservação das árvores, ficamos com a imagem não do advogado frio e mercenário que defende seu cliente, mas sim de alguém que está afetivamente envolvido com seu objeto de defesa. Sem dúvida, através deste expediente discursivo, o defensor pernambucano das árvores visava inculcar nos seus contemporâneos o apreço por este elemento da natureza, visto como um ser vivo digno de respeito e até veneração. Os leitores recifenses não podiam ficar alheios ao arvoredo citadino, sobretudo quando este estava sendo desvalorizado por muitos.

Além dessa grande simpatia e identificação, percebemos também nesses escritos uma vinculação espacial/temporal entre as árvores e um certo passado. Em alguns artigos que se prestavam a advogar a conservação do arvoredo recifense, vemos uma associação com o passado patriarcal, visto como glorioso e triunfante. Sempre quando se falava das árvores, a recorrência ao passado senhorial ocorria. No tempo que Gilberto Freyre nomeava de patriarcal, plasmado no Recife Antigo, onde predominava os grandes senhores de engenho, as árvores abundavam, confundiam-se com a vasta extensão de terras. O senhor de engenho seria um cultivador de árvores, fazia de sua mata um grande e prazeroso jardim. Nele descansava seus olhos e contemplava seu poderio. As árvores seriam, assim, elementos que comporiam a fisionomia do universo patriarcal, que marcariam esse espaço de domínio. Nos diversos textos freyreanos aqui analisados, elas parecem cumprir a função de um *marcador espacial*, isto é, servem para identificar um dado espaço, assim como um dado tempo.

Associando as árvores ao Recife Antigo, e não ao Recife moderno, Gilberto Freyre endossava uma crítica ao seu presente citadino, marcado por várias mudanças, como abertura de avenidas, destruição de ruas estreitas e casarões antigos,

implementação de bondes e cinemas etc. Para os contemporâneos que liam seus artigos semanais, a capital pernambucana estaria perdendo sua coloração verde e ganhando um tom acinzentado, dado pela eliminação das árvores e, principalmente, pela construção de prédios e mais prédios, objetos que passaram a se destacar na paisagem urbana do Recife. Sergio Loreto, entre 1922-1926, era o político responsável e portanto mais atacado pelos regionalistas e por urbanizar a cidade, aquele que deixou para a posteridade um dos grandes símbolos do Recife moderno: a Avenida Boa Viagem¹².

No já citado artigo de 11 de maio de 1924, Gilberto Freyre, ao constatar o que ele dizia ser uma fase estúpida de perseguição às árvores, assinalava que Recife era antigamente uma cidade de árvores, que sob as gameleiras se operavam as mais importantes transações da praça (FREYRE, 1979, p. 27). O passado patriarcal recifense foi construído como sendo o de uma cidade de árvores, o qual se contrapõe ao presente do escritor, visto como o de uma cidade cinzenta. A vinculação com o passado senhorial foi feita de forma mais clara em um texto publicado no *Diário de Pernambuco* em 24 de agosto daquele mesmo ano:

Mangueiras e jaqueiras, sicupiras e baraúnas, cajueiras e gameleiras assumem todas, desde adolescentes, certo ar de doce mãe querendo abençoar, acolher, proteger e até amamentar. A jaqueira até parece uma mãe preta, com a sua fartura boa de tetas (FREYRE, 1979, p.63).

Mais uma vez, observamos Gilberto Freyre dotar de características divinas e além de humanas e maternas - as árvores, como se estas fossem deuses a distribuir suas bênçãos aos humanos. O *topos* da sacralidade da natureza, elemento bastante recorrente na sociedade ocidental industrial¹³, comparece na descrição freyreana. Tanto divinas quanto humanas, há na caracterização das árvores uma clara identificação com o mundo dos engenhos, dos senhores de bangüês. Elas lembrariam este universo que no tempo do autor estava agonizando. As árvores e assim como as mães pretas e fariam da parte da flora patriarcal, estariam para esse universo social como a avenida calçada e larga estaria para a cidade moderna. Gilberto Freyre, querendo contrapor passado arborizado e presente acinzentado pelas grandes construções, chega a recuar a um tempo longínquo:

¹² Mais informações em: ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife* em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo. Recife: Bagaço, 2006, p. 33.

¹³ Mais informações em: DUARTE, Regina. Horta. Op., Cit., 2005, p. 35-39.

Ainda há pouco, tive um contacto que me deliciou com o Brasil de 1500: o Brasil ainda em bruto em que os padres da S.J., escultores de homens e de pátrias, cuidaram achar em matéria virgem para um tipo ideal de homem e de pátria. Foi nuns trechos de matas de Japaranduba do meu amigo Pedro Paranhos. Trechos de mata onde se sente ainda o cheiro forte da mata virgem (FREYRE, 1979, p. 387).

Como se vê, as árvores estiveram, desde 1500, presentes na história do Brasil. Elas deram as boas-vindas aos portugueses. Como pontuou o próprio Freyre em uma conferência intitulada *o Recife e as árvores*¹⁴, elas participaram da criação do Brasil, na medida em que foi de uma delas que se retirou ou se inspirou o nome de nossa pátria (FREYRE, 1979, p.379).

Dessa forma, as árvores são um elemento do passado, um símbolo de um tempo que, na agitada década de 20 do século passado¹⁵, estava rapidamente sendo deixado para trás. Elas estariam tão conectadas a um universo pretérito que Gilberto Freyre costumava apontar que o passado tinha a cor esverdeada das folhas das gameleiras. Não nos soa despropositado pensar que as árvores, no pensamento de vários regionalistas, funcionava como uma espécie de *lugar de memória*¹⁶, isto é, elas funcionavam como elementos que ativavam uma dada memória da cidade, quiçá até do país. Profundamente identificada ao universo banguzeiro, às terras dos senhores de engenho, as árvores comunicavam aos recifenses a existência de um mundo pretérito, permitiam um mergulho no passado, no Recife de outrora. Certamente, era isso que Gilberto Freyre e outros regionalistas tinham em mente ao defenderem as árvores. Aproximar-se de um arvoredo era, na verdade, encostar a cabeça no passado e, assim, consolar-se da ruína pretérita que corria solto na capital pernambucana.

Se pudéssemos apontar uma coloração que mais identificaria o passado que Gilberto Freyre tanto valorizava, possivelmente será o verde. O sociólogo de Apipucos, quando se referia ao passado patriarcal, costumava usar bastante a metáfora do verde. Este parece ser a cor do tempo que ele jamais conseguiu se esquecer. Em um artigo

¹⁴ Realizada em 11 de novembro de 1924, para o encerramento do primeiro congresso Regionalista do Recife.

¹⁵ Para acompanhar as mudanças históricas ocorridas nas décadas iniciais do século XX, ver; REZENDE, Antonio Paulo. *(des) Encantos modernos: História da cidade de Recife na década de 20*. Recife: FUNDARPE, cap. 1 e 2, 1997. E para acompanhar as conseqüências dessas mudanças na elite agrária decadente, ver; ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo ó uma história do gênero masculino (Nordeste ó 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, cap.1 da 1^o parte 2003.

¹⁶ NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares, 1984. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História. São Paulo: Educ, n^o 10, dez, 1993.

bastante conhecido, onde reclama da ausência de boas pinturas sobre o universo patriarcal de Pernambuco, Gilberto Freyre anotou que nenhum dos grandes pintores que pelo Nordeste passaram ãos deixou interpretações desse verde que nos delicia e nos enlangüece. O verde doentio dos mangues e o verde vivo e puro dos coqueiros adolescentesõ (FREYRE, 1979, p.362). O verde seria o que mais se destacava na paisagem patriarcal de Pernambuco, paisagem que, para Freyre, mereceria ser fixada em uma tela, pintada por um artista de qualidade.

Uma das marcas do passado patriarcal, banhado por casas-grandes rodeadas de palmeiras e por extensos canaviais, seria a cor verde, entretom da cana de açúcar, produto que também marcou aquele mundo pretérito. O passado tem suas cores, seus tons. Pode ser cinzento, se sua lembrança foi de dor, assim como poderá ser azul, se sua evocação for alegre. Na mente saudosa de Gilberto Freyre, ele era verde, porque esta era a tonalidade que mais identificava seu mundo de infância, o engenho de São Severino dos Ramos, onde costumava passar as férias como um menino de engenho, semelhante ao seu grande amigo José Lins do Rego. O verde que o futuro autor de *Sobrados e Mucambos* encontrou nas árvores era, assim, uma cor bastante significativa, na medida em que ela lhe comunicava todo um passado, toda uma história.

O passado como um universo banhado pela cor verde aparece de modo mais intenso e nítido em um artigo publicado no *Diário de Pernambuco* em 21 de setembro 1924, no qual Gilberto Freyre discorreu sobre o Recife antigo, onde, segundo ele, se respeitava os nomes das ruas, vistos como documentos da história da cidade. Lembrando desse tempo, eis como se findou o artigo:

õRecife, cidade verde,
verde, verde, verde
muito verde,
muito verde
verde, verde, verdeõ (FREYRE, 1979, p.74).

Com esses versos, o poeta ratificou o caráter esverdeado do passado que tanto valorizou. O verde era a cor que tingia sua imagem do passado. Era o que mais predominaria na paisagem senhorial de que tanto se lembrava. Daí a duplicidade do termo, que algumas vezes aparece no seu diário de adolescente, ãmeus verdes anosõ¹⁷.

¹⁷ Essa expressão também aparece, algumas vezes, na obra de um grande amigo de Freyre, José Lins do Rego. As memórias de infância deste escritor têm esse título. Ver; REGO, José Lins do. *Meus verdes anos (Memórias)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1980. Sobre Freyre, conferir; FREYRE,

Esse verde, que tanto marcava a paisagem do passado patriarcal, estava, na época em que Gilberto Freyre desembarcou em Recife, no ano de 1923, desaparecendo:

Eu por mim já me sinto um tanto estrangeiro no Recife de agora. O meu recife era outro. Tinha um ósujo de velhiceö que me impressionava, com um místico prestígio, a meninice. O tempo o esverdeara todo de um verde que tinha o encanto de uma unçãoö (FREYRE, 1979, p. 16).

Mais uma vez, vemos a junção entre o passado e a cor verde. Aquele aparece novamente em um tom esverdeado, tal qual as folhas das árvores, tal qual as plantas de um belo jardim. A paisagem que Gilberto Freyre contemplava agora não era mais a das árvores. O verde da mata, os canaviais verdejantes, se refugiaram em poucos lugares, cedendo lugar às avenidas largas, aos bondes elétricos, aos prédios construídos segundo os preceitos da arquitetura moderna. O verde estaria, doravante, no passado, na lembrança de um mundo que estaria decaindo progressivamente: ÕNo Recife as alterações vão ferindo os valores íntimos da paisagem. Roubando-lhe o caráter. Criando uma cidade nova, estranha e até hostil à primeiraö (FREYRE, Op.Cit).

Com a modernização que invadia as principais capitais da região Nordeste (SEVCENKO, 1998 p. 28), essa coloração esverdeada, dada pelas árvores, começa a diminuir, a se circunscrever em lugares específicos, tidos como área de preservação. O verde, que durante a época senhorial saltaria aos olhos, que ornamentaria e identificaria os domínios patriarcais, estaria sendo engolido pelo progresso, pelos artefatos da modernização. Nas cidades modernas, a natureza, dominada pela técnica e sofrendo a colonização do homem, teria um espaço limitado, circunscrito a determinados locais. Em um texto que foi publicado no *Diário de Pernambuco* em 30 de dezembro de 1923, Gilberto Freyre conclamava: ÕSob o ponto de vista estético, precisa o Recife defender-se contra o perigo de virar tristemente um esqueleto de cimento armadoö (FREYRE, 1979, p.351). Do verde que predominaria no mundo dos engenhos, o cimento e a cal vão cuidando de eliminar. A modernização estaria Õna paisagem pernambucana criando novos lineamentos e coloridos e novas figuras significativas do cenárioö (FREYRE, 1979, p.361). Sem o verde, o Recife foi se modernizando, para a tristeza dos regionalistas. Gilberto Freyre, jovem erudito que no retorno ao Recife perambulou

Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930). Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

bastante por sua cidade natal, perscrutando vários locais, parece ver e sentir a cidade a partir de cores, das tonalidades predominantes na paisagem urbana.

O colunista do *Diário de Pernambuco* costumava sentenciar que a paisagem da cidade de Recife, nos anos 1920, chegava a òdoer nos olhosö (FREYRE, 1979, p. 386). Os bondes, os automóveis, os prédios altos, as ruas retas, em suma a cidade com uma arquitetura moderna, feriam os sentidos, sobretudo daqueles que ansiavam por referências antigas e tradicionais na cidade. A modernização desenfreada golpeava o espírito de muitos cidadãos, pois eliminava tudo aquilo que indicava um passado, que, segundo Gilberto Freyre, era glorioso e que deveria ser preservado.

E foi com saudade¹⁸ e tristeza que Gilberto Freyre constatou e se insurgiu contra esse processo que foi, ao seu ver, descaracterizando a cidade, tirando-lhe o verde de outrora. Em 1921, aquele jovem letrado escreveu um texto, publicado no *Diário de Pernambuco*, em que manifestou seu desafeto com a progressiva diminuição da presença das árvores na cidade do Recife: òe que pena que se tenha ido velhas árvores nossas, a fáceis ordens estúpidas. O Recife deveria ser uma cidade de árvores!ö (FREYRE, 1979, p.137). Com mais raiva do que lamentação, escreveu um outro artigo, publicado no mesmo jornal em 24 de agosto de 1924, o seguinte desabafo: òlembrou-me como, há dias, passei toda uma semana irritadiço, por causa de uma palmeira de largas palmas acolhedoras que encontrei ainda a sangrar dum corte òà La garconneö (FREYRE, 1979, p. 63).

A saudade em Gilberto Freyre não é mera lamúria do passado, pura estagnação e inércia. Antes, o jovem escritor recifense parte dessa saudade do passado senhorial para agir no presente, tentando criar possíveis futuros. A nostalgia pelo mundo patriarcal não o deixou imobilizado e congelado no passado, mas sim o impulsionou para a ação, para os combates do seu tempo. Durval Muniz de Albuquerque Júnior colocou a saudade em Gilberto Freyre como uma maneira de se relacionar com o tempo e com a vida, como um dado jeito de encarar a existência humana (ALBUQUERQUE JR, 2006, p.135). Relacionando-se saudosamente com o tempo e com a vida, Gilberto Freyre fazia aquilo que sempre dizia ter feito ao longo de toda a sua obra intelectual: harmonizar contrários. A saudade permitia a existência da duplicidade do tempo, fazia com que passado e

¹⁸ O saudosismo em relação ao mundo dos engenhos em Gilberto Freyre, apesar de ser apontado por boa parte dos estudiosos, não tem recebido muita atenção dos historiadores, sociólogos, literatos e antropólogos. Para uma análise que problematiza e mostra a importância da saudade na obra freyreana, ver; ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. AS SOMBRAS DO TEMPO: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: Marina Haizenreder Ertzog e Temis Gomes Parente. (Org.). *História e Sensibilidade*. 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2006.

presente convivessem, trazia um para o outro. Com ela, Gilberto Freyre combatia a finitude das coisas. Com bem assinalou Durval Muniz de Albuquerque Júnior: ã saudade é, em Freyre, mais do que rejeição do tempo presente, que está longe de ser total, mas uma maneira de procurar integrar e fazer conviver harmoniosamente os diversos tempos que nos rodeia e nos constituiö (ALBUQUERQUE JR, Op. p.138).

Talvez, a saudade foi justamente a energia que fez Gilberto Freyre se mobilizar para agir no presente, para tentar fazer com que este guarde o pouco que resta de passado. Foi o próprio Freyre que reconheceu, no seu diário de adolescência, ter feito da saudade seu método de análise e interpretação ãum tanto sociológico mas sobretudo psicológicoö da sociedade brasileira (FREYRE, 1975, p.12). Sua defesa das árvores traz essa saudade do mundo banguazeiro que tanto alimentou seus escritos, que tanto decidiu pelos seus combates na cidade do Recife. A saudade é, aqui, como uma espécie de força que impulsiona a ação militante. Ela é como um alimento que nutre quem dela se serve. Gilberto Freyre dela se serviu não só para escrever seus livros, mas também para agir no e pelo presente.

Mais do que uma preocupação ambiental, o que parece estar em jogo na militância de Gilberto Freyre era a necessidade de preservar no presente hodierno símbolos do passado, do passado patriarcal, aquele em que o verde dava o tom da paisagem. Sua apologia da natureza parece levar menos em conta o clima e o ambiente do que o tempo e a sociedade. As árvores eram vistas sob o signo da preservação não tanto porque eram importantes para o meio ambiente, mas porque elas conservavam feições de um tempo, de uma sociedade. Conforme esperamos ter mostrado, as árvores referenciavam o passado patriarcal. O que preocupava Gilberto Freyre, o que lhe angustia, era a possibilidade de um Recife sem marcas do passado, sem símbolos daquele mundo adocicado em que o engenho e o seu senhor eram as grandes referências. O combate pelas árvores cumpria, de uma forma metonímica, a defesa pelo mundo patriarcal e senhorial. Era, em certa medida, expressão do saudosismo freyreano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a luta de Gilberto Freyre em prol das árvores tem também esse componente saudoso, uma vez que, como tentamos mostrar, o verde que as palmeiras, gameleiras, jaqueiras etc. tanto encarnavam seria uma tônica do passado senhorial. No renomado escritor pernambucano, as árvores representariam também um dado universo

social. Elas simbolizavam toda uma sociedade, todo um cenário social que estava sucumbindo no Recife das décadas iniciais do século XX. Lutar pela arborização do Recife era resistir à modernização que estava transformando não só a paisagem natural, mas social recifense, tirando-lhe o verde que predominara durante muito tempo. O caráter esverdeado que Gilberto Freyre tanto atribuiu ao passado oligárquico-aristocrático advém, entre outras coisas, do grande número de árvores. Estas faziam parte das terras dos senhores de engenho. Sob elas, possivelmente, Gilberto Freyre viveu várias experiências infantis. Daí a dita intimidade e ligação que dizia ter com elas.

No fundo, pensamos que Gilberto Freyre teme que nada mais no presente lhe comunique algo do passado. As árvores, com sua coloração verde, com suas folhas a perfumar o ar e a oferecer grandes sombras, era indício desse passado oligárquico-aristocrático que tremulamente resistia ainda no tempo de Gilberto Freyre. A sensação de se sentir estrangeiro na própria terra, tantas vezes evocada, surge justamente pela mudança da paisagem social. De inúmeras árvores a esverdear o cenário social, passa-se para inúmeros prédios modernos a acinzentar a vista. Viver em uma paisagem em que nada se tem de passado, parece ser aterrorizante para o sociólogo de Apipucos. Encontrar alguma forma de manter um mínimo desse passado senhorial, de incorporar a tradição na modernidade, foi algo constante na sua vida. Afinal, não foi esse seu projeto maior, conciliar extremos, fazer conviver òaparentes paradoxosõ, trazer à tona diferentes e conflitantes tempos? Entre a tradição e a modernidade, entre o campo e a cidade, Gilberto Freyre realizou seus combates e seus projetos intelectuais, procurando sempre harmonizar esses elementos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. AS SOMBRAS DO TEMPO: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente. (Org.). *História e Sensibilidade*. 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2006.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4 Ed. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2009.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa, secretaria de educação e cultura da Paraíba, 1984, p.146.

DUARTE, R. H. *História & Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Tempos de aprendiz*. São Paulo. IBRASA/MEC. 2 volumes, 1979.

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1975.

LARRETA, Enrique Rodriguez; GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares, 1984. Tradução: Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*. São Paulo: Educ, nº 10, dez, 1993.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 68, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-0142010000100009&lng=en&nrm=iso. access on 11 Aug. 2014.

REIS, José Carlos. Anos 1930 Gilberto Freyre: o relogio da colonização portuguesa. In: *As identidades do Brasil*. De Varnhagen a FHC. 9.Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

REZENDE, Antonio Paulo. *(des) Encantos modernos: História da cidade de Recife na década de 20*. Recife: FUNDARPE, 1997.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: (Org.). *História da Vida privada no Brasil: da Belle Époque à era do Rádio*. São Paulo: Cia. das Letras, vol. 3, 1998.

SOUZA BARROS. *A década de 20 em Pernambuco*. Recife, fundação de cultura cidade do Recife, 1985.

TEIXEIRA, Flavio Weinstein. Intelectuais e modernidade no Recife dos anos 20. In: *Revista saeculum*, I (I);89-98, Jul/Dez. 1995.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano: O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, V.1.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmica literária no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.